



Curadoria digital urbana, rebelião monumental e a disrupção das narrativas patrimoniais em tempos de isolamento

Giovanna Graziosi Casimiro¹

Resumo

Este artigo, no campo da teoria da arte e da arquitetura debate as novas formas da curadoria digital na cidade e o surgimento de narrativas urbanas que questionam os poderes vigentes, caso do ataque recente a monumento colonialista pelo mundo e sua associação a cultura digital. Para este debate, discute-se o fortalecimento do setor privado digital durante a pandemia e se propõe pensar a nova condição da cidade em meio ao isolamento e distanciamento físico, derivado do COVID-19. Deste modo, propõe-se discutir o termo curadoria digital urbana e a revisão patrimonial em curso, refletida na remoção e ataque a monumentos pelo mundo. A remoção e o ataque coletivo aos monumentos é um marco nos modos de operar a memória urbana que revisa a construção linear da narrativa histórica, colocando em cheque a calcificação memorial. A relação entre cidadãos e os modos de habitar a cidade se transformam à medida em que as superfícies são redesenhadas pela cultura e mercado digital. A tomada da cidade pelo território informacional, gera um lapso da percepção espaço-temporal, impactando a linearidade do tempo, as narrativas e até mesmo a historicidade em seus moldes tradicionais. Deste modo, este artigo discute o impacto destas condições sobre o patrimônio, o questionamento das narrativas expostas na cidade, e o contraditório estabelecimento das memórias digitais na vida cotidiana.

Palavras-chave: Patrimônio; Memória digital; Território informacional; Patrimônio digital; Cidade.

Summary

This article, in the field of art theory and architecture, discusses the new forms of digital curation in the city and the emergence of urban narratives that question the current powers, such as the recent attack on the colonialist monument around the world and its association with digital culture. For this debate, the strengthening of the digital private sector during the pandemic is discussed and it is proposed to think about the new condition of the city in the midst of isolation and physical distance, derived from COVID-19. Thus, it is proposed to discuss the term urban digital curation and the ongoing heritage review, reflected in the removal and attack on monuments around the world. The removal and collective attack on monuments is a milestone in the ways of operating urban memory that reviews the linear construction of the historical narrative, putting the memorial calcification in check. The relationship between citizens and the ways of inhabiting the city changes as surfaces are redesigned by culture and the digital market. The taking of the city by the informational territory, generates a lapse of the space-time perception, impacting the linearity of time, the narratives and even the historicity in its traditional molds. Thus, this article discusses the impact of these conditions on heritage, the questioning of the narratives exposed in the city, and the contradictory establishment of digital memories in everyday life.

Keywords: Heritage; Digital memory; Informational territory; Digital heritage; City

¹Doutoranda pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (História da Arquitetura e do Urbanismo - Teoria das Artes e Arquitetura) da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre a Cidade como Interface Museológica. Giovanna Graziosi CasimiroFAU USP - <http://lattes.cnpq.br/0584425766553916>gigigicc@gmail.com - gigigicc@gmail.com



Resumen

Este artículo, en el campo de la teoría del arte y la arquitectura, analiza las nuevas formas de curación digital en la ciudad y el surgimiento de narrativas urbanas que cuestionan los poderes actuales, como el reciente ataque al monumento colonialista en todo el mundo y su asociación con la cultura digital. Para este debate se discute el fortalecimiento del sector privado digital durante la pandemia y se propone pensar en la nueva condición de la ciudad en medio del aislamiento y la distancia física, derivada del COVID-19. Así, se propone discutir el término curación digital urbana y la revisión patrimonial en curso, reflejada en la remoción y ataque a monumentos de todo el mundo. La remoción y el ataque colectivo a los monumentos es un hito en las formas de operar la memoria urbana que revisa la construcción lineal de la narrativa histórica, poniendo en jaque la calcificación conmemorativa. La relación entre los ciudadanos y las formas de habitar la ciudad cambia a medida que la cultura y el mercado digital rediseñan las superficies. La toma de la ciudad por el territorio informativo, genera un lapso de la percepción espacio-temporal, impactando la linealidad del tiempo, las narrativas e incluso la historicidad en sus moldes tradicionales. Así, este artículo discute el impacto de estas condiciones sobre el patrimonio, el cuestionamiento de las narrativas expuestas en la ciudad y el establecimiento contradictorio de las memorias digitales en la vida cotidiana.

Palabras clave: patrimonio, memoria digital, territorio informativo, patrimonio digital, ciudad.

Curadoria digital urbana e a cidade como interface

À medida em que o território informacional se consolida, cidade e urbano são impactados pelos fluxos informacionais e as geografias se transformam, tornando a cidade uma interface do território informacional. No contexto do século XXI, a cidade se transforma em uma interface mediadora de dados e ações, enquanto interface de si própria e dos territórios físico e digital que a constituem. É possível que o urbano seja este elemento conector entre estes territórios, pois ele próprio carrega uma virtualidade como coloca Lemos (2007), ao afirmar que o urbano não é a cidade, mas a alma da cidade, o conjunto das diversas forças que a compõem, caracterizado pela virtualidade (técnicas, culturais, políticas, imaginárias). Deste modo, os avanços tecnológicos das últimas duas décadas impactam o modo como a superfície física da cidade é apropriada e, conseqüentemente, como os seus cidadãos se comportam. Segundo Giselle Beiguelman (2016),

Não há dúvida. A era do virtual ficou na primeira década do século. O real engole tudo e nos põe no centro de redes interconectadas acessíveis, literalmente, na palma da mão. Vivemos no mundo do pós-virtual e isso não significa apostar numa volta ao mundo analógico. Ao contrário. Significa assumir que as redes se tornaram tão presentes no cotidiano e que o processo de digitalização da cultura é tão abrangente, que se tornou anacrônico pensar na dicotomia real/virtual. A rápida evolução das aplicações, que envolvem nanotecnologia, sensores e sistemas de redes sem fio, confirma essa hipótese. Esse processo altera profundamente nossas concepções de corpo – que passa a ser compreendido como um complexo bio informacional – e de cidade – territórios híbridos configurados a partir da superposição de redes diversas.¹

A relação entre cidadãos e os modos de habitar a cidade se transformam à medida em que as superfícies são redesenhadas pela cultura e mercado digital. A tomada da cidade pelo território informacional, como e Paul Virilio (1993) afirma, gera um lapso da percepção espaço-temporal, impactando a percepção da linearidade do tempo, das narrativas e até mesmo da historicidade em seus moldes tradicionais.

Atualmente, com a ubiquidade ótico-eletrônica e sua incidência sobre a configuração do território (...) desta transparência das distâncias que renova não somente as aparências físicas dos materiais, mas também a configuração morfológica e arquitetônica do ambiente urbano. Hoje, trata-se menos de deslocar (ou de nos deslocar) no espaço de um percurso do que de defasar no tempo o instante de uma disjunção-conjunção, afluência de circunstâncias técnicas em que as aparências estão contra nós, totalmente contra nós, na interface óptico-eletrônica².

Segundo Lemos (2004) nestas cibercidades contemporâneas se observa uma expansão da experiência de localização e do tratamento inteligente da informação por meio dos dispositivos móveis, criando novas práticas personalizadas do espaço. É importante ressaltar que a maneira como os dados são processados e extraídos altera a maneira como os cidadãos habitam as cidades contemporâneas, e nesta questão o autor aponta que as mídias locativas permitem a troca de informação móvel movimentando dados dinâmicos em um determinado espaço, ressignificando a partir destes dados específicos. Os

1 BEIGUELMAN, 13:2016.

2 VIRILIO, 74:1993.

novos modos de apropriação da cidade impactam as estruturas físicas que nela existem, em um processo de reavaliação do espaço urbano, onde novos lugares e valores emergem. A ciberurbe como interface está em constante transformação.

Configura-se uma cidade como interface para além da sua superfície tangível, em que mídia geolocalizada se entrelaça à malha urbana em novas dimensões informacionais. A dimensão das memórias digitais geolocalizadas associadas à compulsão pelo registro, evidencia uma possível dissociação dos lugares e seus contextos, o que gera um paradoxo no próprio entendimento das memórias ali construídas. Este fato remete a Marc Augé, que afirma “the space of circulation, consumption and communication are multiplying across the globe, making the presence of the networks they rely on highly visible”.³ Acima de tudo, essa premissa faz pensar o realinhamento dos poderes que coordenam a sociedade em rede.

O modo como estas tecnologias operam e se cruzam transforma a paisagem urbana e o comportamento dos transeuntes, apontando para possibilidades de mixagem histórica e patrimonial por meio da inserção de camadas intangíveis que reconfigura a cidade e suas narrativas. O território informacional tensiona o contexto patrimonial, que se torna centro do debate acerca da cooptação de dados, apontando para o mesmo como um elemento chave nas discussões sobre as fronteiras digitais e as novas narrativas de poder. Propõe-se, assim, a discussão quanto à cooptação digital que sustenta as dinâmicas memoriais da atualidade, segundo um regime tecno capitalista. Deste modo, observa-se a consolidação da cidade como interface digital e memorial de si mesma para além de sua superfície tangível, em uma condição onde mídia geolocalizada se entrelaça à malha urbana, em novas escalas de virtualidade. Este processo transforma nitidamente os valores associados ao espaço e à construção do significado do lugar. A cidade como Interface de si, seus lugares abstratos e virtualidades, constrói-se a partir do encontro entre memória e território informacional, questionando como a memória urbana digital se constrói e existe neste espaço intersticial. As memórias digitais geolocalizadas e a compulsão pelo registro evidenciam a dissociação entre lugares e contextos, o que gera um paradoxo no próprio entendimento das memórias ali construídas. Neste sentido, os serviços digitais alimentam um senso coletivo de “evitar a perda de algo”, porém sem se saber que algo é esse. É nessa condição pré-nostálgica que a curadoria coletiva abriga tudo e todos. Percebe-se um movimento particular da última década de apropriação museológica, histórica e cultural por parte de empresas de dados e serviços digitais que marcam uma cooptação de dados digitais em curso:

A era hipermoderna caracteriza-se por uma nova revolução consumista em que o equipamento concerne essencialmente aos indivíduos: o computador pessoal, o telefone móvel, o Ipod, o GPS de bolso, os videogames, o smartphone. Nessa condição, cada um gere seu tempo como bem entende, por estar menos sujeitos às coerções coletivas e muito mais preocupados em obter tudo o que se relaciona a seu conforto próprio, a sua maneira de viver, ao seu modo de se comportar, escolhendo um mundo seu. Assim essa personalização anda junto com a dessincronização dos usos coletivos: o espaço-tempo do consumo tornou-se o do próprio indivíduo, constituindo um componente importante e um acelerador da cultura neo individualista.⁴

Neste contexto, vê-se emergir o termo “curador” associado à iminente captura das memórias digitais, função esta apropriada do contexto museológico e instrumentalizada no contexto digital enquanto função especializada do usuário. Cada usuário é motivado a ser curador de sua vida, alimentando uma rede de arquivos em tempo real. A curadoria coletiva populariza a função de curador que, em contrapartida, impulsiona o uso contínuo dos serviços digitais gratuitos

Logo, propõe-se o termo curadoria digital urbana enquanto fio condutor deste texto, representando o ato de captura e repostagem de memórias geolocalizadas digitais, pensando-a para além dos serviços digitais comerciais, e sim no a partir das táticas de reativação urbana. A cidade adota o caráter de espaço de mediação e exposição dos arquivos pessoais ali construídos, cujo território, portanto, assume outras funções. E assim, neste interstício, segundo Virilio, a cidade contemporânea se torna uma malha sistêmica de ações, usuários e dados enquanto interface⁵ onde a mensagem e o meio se permeiam (o input e o output se confundem).

Novas Instâncias de poder e o medo da dissolução identitária

O redimensionamento urbano atual questiona o modo como a sociedade em rede entende sua cultura, afinal, Castells (2009) coloca que tempo e espaço são redefinidos pela emergência de novas estruturas sociais, e segundo ele, o espaço e o tempo expressam as relações de poder da sociedade. A globalização é chave na reestruturação social, sobretudo pela existência simultânea do global e local, contradizendo a teoria clássica do poder focada em nações-estado ou em estruturas governamentais subnacionais. Esta condição desalinha os poderes convencionais abrindo precedente para novas

3 AUGÉ, 12:2008.

4 LIPOVETSKY, 2008: 57.

5 Steven Johnson (2001) aponta que as metáforas do ambiente virtual e o mapeamento de bits ocupam as facetas da sociedade contemporânea. Essa forma se mantém apesar das diversas aparências que transitam entre o meio e a mensagem, cuja zona de transição é a interface.

instâncias de poder articuladas na sociedade em rede. Como Castells (2009) aponta, a existência nem global nem local define o conjunto de relações de poderes específicos da sociedade atual, segundo as redes e suas particularidades. Esta redefinição associada à vigilância digital remete a um poder maior de controle dos indivíduos que dialoga com as questões do panóptico de Michel Foucault. A partir desta figura hierárquica e contínua que o autor propõe é possível pensar os modos operantes de vigilância digital, diretamente ligados a concessão gratuita de informações pessoais segundo um sistema anti panóptico. Um regime de controle se estabelece e se capilariza através dos dispositivos móveis.

Curiosamente, Foucault utiliza a analogia da cidade “pestilenta” para falar de panóptico, condição esta que pode ser replicada no modelo anti panóptico da cidade em tempos de COVID, que é redesenhada por outros modos de deriva urbana, pela solidão, pelo abandono de certos espaços e reativação de outros. Em meio ao isolamento, os indivíduos redescobrem sua existência no espaço, porém ela é marcada pela presença dos dispositivos digitais vigilantes. Neste ponto, Foucault (1987) afirma que a visibilidade é a armadilha e que o medo impulsiona a necessidade de lembrar, arquivar e vigiar em consonância às premissas de Virilio (1999), que defende que o regime do medo favorece o controle.

Enquanto se observa um gradual processo de apagamento dos resíduos materiais do passado, emerge uma versão virtualizada da memória e do passado, por meio das realidades aumentada, virtual e mista. Assim, o patrimônio é apropriado para novos fins associados às demandas digitais, e uma nova tensão surge entre as iniciativas comerciais de apropriação patrimonial (Open Heritage, Arts&Culture, etc) versus as ações locais que questionam as narrativas urbanas para fins sociais, digital ou analogicamente (caso da derrubada de monumentos e ações digitais como Black Monuments e The Peoples Memorial Project).

A rebelião monumental: disrupção das narrativas de poder

A remoção e o ataque coletivo aos monumentos colonialistas em 2020 é um marco nos modos de operar a memória urbana que revisa a construção linear da narrativa histórica, e permite uma análise quanto a sua relação com a cultura digital e os tempos de COVID. Observa-se esta rebelião contra os símbolos associados à repressão colonialista e à escravidão, apontando para um renascer do processo de democratização monumental que coloca em prática a participação civil no patrimônio do futuro, em meio aos protestos pela morte de George Floyd.⁶

Em 2013, no Brasil, o Monumento às Bandeiras, em São Paulo, foi manchado de tinta vermelha e pichado com os dizeres “bandeirantes assassinos” depois de uma manifestação contra um projeto de lei que tirava do governo federal a autonomia para demarcação de terras indígenas. O monumento é uma obra do escultor Victor Brecheret (1894-1955) e retrata bandeirantes à frente, em cavalos, conduzindo negros e indígenas que realizam trabalhos pesados atrás. O protesto contra o monumento, em 2013, foi o começo de uma série de atos, caso do ataque a estátua de Borba Gato, também em São Paulo, em 2016. Ao longo de 2020, nos Estados Unidos, a estátua de Cristóvão Colombo em Boston MA, foi atacada durante protestos. No Alabama, a estátua do almirante confederado Raphael Semmes foi removida, e as estátuas dos presidentes George Washington e Thomas Jefferson (1801-1809), ambos donos de escravos, também foram removidas pelos próprios governos locais, frente à pressão popular. Uma estátua do lado de fora do Capitólio do Estado do Tennessee de Edward Carmack, um polêmico ex-legislador e editor de jornal que defendia pontos de vista racistas, também foi demolida. Em Charleston, Carolina do Sul, a estátua dos Defensores Confederados foi pintada com spray, e em Washington DC, os manifestantes tinham como alvo vários monumentos no National Mall. No centro de Chicago, os manifestantes grafitearam o monumento The Pioneer, na Michigan Avenue, que retrata a subjugação de um nativo americano por um general armado branco. Sobre o monumento foram pintadas as frases “foda-se a supremacia branca”, “foda-se colonizadores” e “foda-se 12”, em referência à polícia.

Em Bristol, na Inglaterra, manifestantes derrubaram a estátua de mais de 5 metros do traficante de escravos Edward Colston (1636-1721), erguida em 1895, e que foi jogada no rio Avon. Na Bélgica, a população atacou o busto do Rei Leopoldo II, considerado um dos grandes genocidas da história moderna, responsável pelo massacre de 8 milhões de congoleses, entre os anos de 1895 e 1908. Ele foi acusado de tortura, mutilações, estupros, e diversos outros crimes hediondos.

A tensão do isolamento social por conta do COVID parece acelerar a resposta coletiva à indiferença do poder público para com o caso de George Floyd, e os indivíduos passam a se apropriar das ferramentas digitais para recontar suas próprias histórias e perpetuar ações ativistas. Evidencia-se, assim, uma disrupção profunda no modo de pensar a construção patrimonial que vai além da discussão da degradação monumental, afinal, trata-se da tomada de posse dos cidadãos para com a sua cidade e o que nela se expõe enquanto história. Portanto, os movimentos de demolição monumental demonstram que a população está atenta às narrativas urbanas e que a morte de George Floyd junto ao movimento Black Lives Matter volatiliza o poder de decisão sobre as narrativas expostas na cidade.

Característico da cultura digital, observa-se um contra movimento de memes intitulado “fight back” dos monumentos nas redes sociais, cujas fotos⁷ postadas por usuários que se opõem aos ataques, mostram estátuas lutando contra tran-

6 Cidadão afro-americano que morreu asfixiado por um policial branco, em Minneapolis, no dia 25 de maio de 2020.

7 Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-8419621/Social-media-users-monuments-attacking-opposition-racist-land>

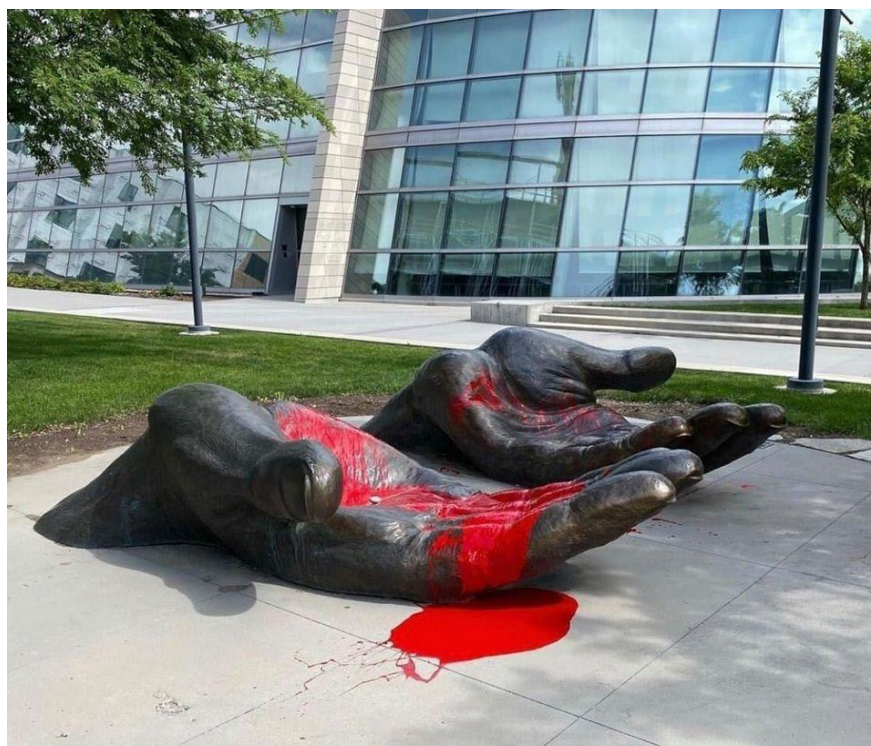


Fig 1- Escultura "Serve and Protect" no prédio central da polícia de Salt Lake City.

Foto do Instagram/Utah Against Brutality⁸



Fig 2- Memorial RAF Bomber Command coberto de tinta.

Foto de Jeremy Selwyn⁹

8 - Disponível em: <http://www.theartnewspaper.com/news/monuments-dismantled-in-us-protests>

9 - Disponível em: <https://www.euronews.com/2020/06/10/watch-statues-under-attack-as-europe-confronts-colonial-past>



Fig 3: funcionários públicos protegendo o monumento de Christopher Columbus em Boston¹⁰

seuntes nas ruas de Londres,. As postagens surgiram um dia depois de centenas de manifestantes de extrema direita e pró-estátua se reunirem em Londres em antecipação a uma manifestação do Black Lives Matter, alegando a proteção das estátuas que foram alvo de ataques nos últimos meses.



Fig 4: *Monuments Fight Back!* - imagens virais de monumentos atacando civis¹¹

Deste modo, parte-se do princípio de que a cidade é um espaço de debate e representatividade coletiva, e o patrimônio emerge em um contexto digitalizado e se torna centro na discussão das supremacias sociais atuais. A rebelião ou subversão do sistema memorial urbano tradicional decorre dos novos modos de operar as lembranças e o caráter participativo que a era digital estabelece, politizando certos debates e trazendo questões das redes para o espaço público. Em direção a possíveis ações digitais, aponto para os projetos Black Monuments Project, que debate desde 2017 a supremacia branca norte-americana dos monumentos, “corrigindo esse legado sórdido por meio de uma mistura de história e imaginação”¹², e a intervenção Peoples Memorial Project, feita pelo artista urban Cedric Vise 1 Douglas.¹³ Publicado no início do Mês da História Negra, Black Monuments reafirma a memória centrada nos confederados da guerra civil como uma chance de celebrar os heróis negros estadunidenses:

10- Disponível em: <https://www.euronews.com/2020/06/10/watch-statues-under-attack-as-europe-confronts-colonial-past>

11 Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-8419621/Social-media-users-monuments-attacking-opposition-racist-landmarks-campaign.html>

12 Disponível em: <https://mic.com/interactives/black-monuments#.rqBuHHCLu>

13 Disponível em: <https://www.creativenorthshore.com/boston-street-artist-offers-vision-for-future-of-columbus-statue/>

The Black Monuments Project aims to realize the world activist Bree Newsome gave Americans a glimpse of when she climbed the flagpole at the South Carolina Statehouse in June 2015 and tore down the Confederate flag that had flown there for decades. Where that memorial stood, Mic imagines a statue saluting the Charleston Nine. In place of Lee's likeness in Virginia, we would see a monument to Henrietta Lacks, the black woman whose cells were stolen by doctors and formed the basis for decades of vital medical research.¹⁴

A intervenção Black Monuments funciona com um sistema de 3D do Snapchat Lenses, também utilizada previamente para uma exposição digital geolocalizada das obras do artista Jeff Koons¹⁵. Estes monumentos tridimensionais são vistos através do serviço Snapchat com geolocalização ativa para camadas de realidade aumentada e apresentam uma tática de apropriação de serviços digitais, para a subversão do espaço urbano e de suas narrativas. Esta ação revisa os valores pré determinados do patrimônio, inserindo objetos "inexistente" e permitindo a inserção de narrativas históricas até então suprimidas na cidade.



Fig 5: Black Monuments

Em 2020, o artista Cedric "Vise 1" Douglas apresenta sua visão do futuro dos memoriais e monumentos nos Estados Unidos, através de uma instalação com vídeo projeção. No North End de Boston MA, o artista ocupou um pedestal vazio, que antes continha uma estátua de mármore de Cristóvão Colombo, com uma estrutura projetada em tempo real. O artista questiona "como podemos criar um monumento que realmente atinge a comunidade? Não seria incrível se as pessoas pudessem indicar pessoas de sua vizinhança? Um monumento que pode mudar constantemente e contar uma verdade real, contando uma história real para aquela comunidade?".¹⁶ Ele afirma que a intenção deste projeto é de criar um debate sobre o futuro, propondo que todas as pessoas contribuam com o crescimento e prosperidade da comunidade local e da nação, em geral.

14 Disponível em: <https://mic.com/interactives/black-monuments#.rqBuHHCLu>

15 Disponível em: <https://www.adweek.com/digital/snapchat-is-working-with-the-artist-jeff-koons-to-create-augmented-reality-lenses/>

16 Disponível em: <https://www.creativenorthshore.com/boston-street-artist-offers-vision-for-future-of-columbus-statue/>

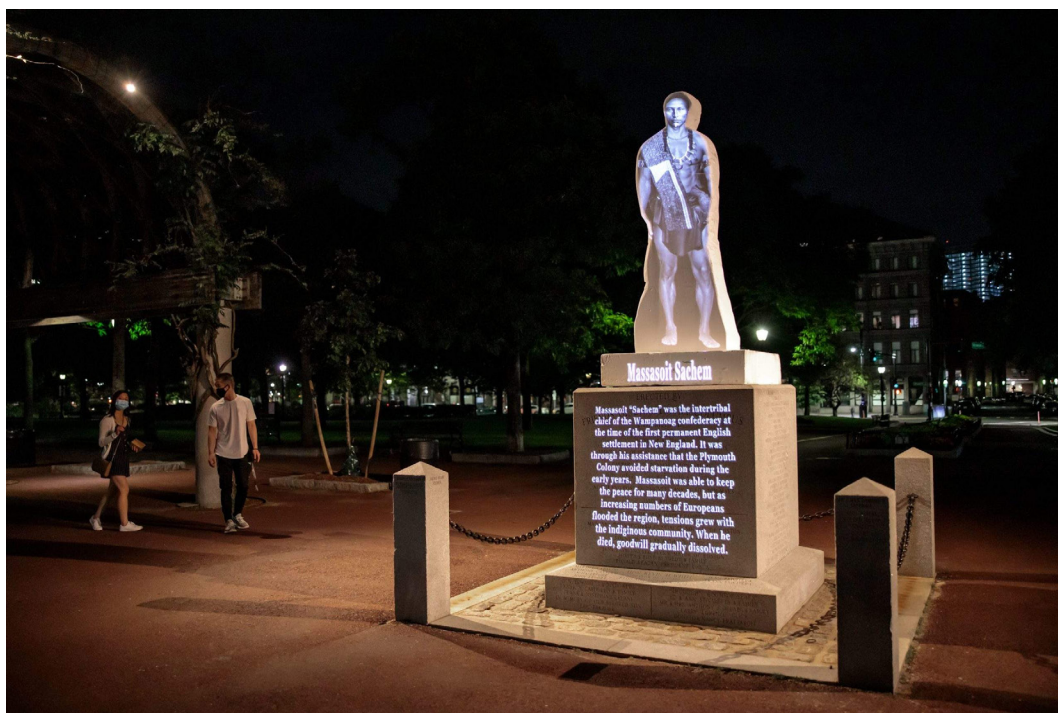


Fig 6: *Peoples Memorial Project*, por Adam Glanzman

Deste modo, ambas ações digitais pontuam a apropriação das tecnologias para a democracia da informação, liberdade de expressão e construção coletiva do espaço urbano, revendo as narrativas urbanas. O acesso a construção da memória deve ocorrer na origem da mesma, em sua utilização, nas suas possíveis curadorias e formas de exposição. E o momento é propício, afinal, o coronavírus transformou drasticamente as relações sociais e a utilização do espaço público. Pergunto-me se esse distanciamento e esvaziamento da cidade, decorrente do isolamento e lockdown, foi capaz de visibilizar problemas basais no contexto patrimonial e, até mesmo, os monumentos problemáticos e suas histórias. O COVID surge como acelerador de diversos processos, bons e ruins, entre eles o estabelecimento total das tecnologias ubíquas na vida cotidiana e, em contrapartida, um olhar mais crítico sobre a cidade e como a utilizamos. E de certo modo, esse regime perverso de vigilância se alimenta dessa revisão patrimonial cultura urbana, pois ele opera segundo as trends e a geração de dados: quanto mais ativos são os usuários, mais lucrativos são os dados e mais poderoso é o sistema vigilante.

Logo, vê-se claramente os dois lados da pandemia, onde a ubiquidade assume todos os departamentos da vida comum: consumo de produtos, supermercado, entrega de comida, manutenção das relações pessoais, entretenimento individual e coletivo, dinâmica de trabalho, entre outros. Mas surge um cansaço das mídias frente ao desejo de vivenciar o espaço em sua tangibilidade, acarretando em um saudosismo de um tempo onde videochamadas eram opcionais. O futuro é incerto, porém é provável que as práticas remotas e a digitalização do cotidiano continuem, entretanto, o olhar do indivíduo sobre a cidade e sua presença no espaço se modificam para o bem, e o patrimônio passa a ser - de fato - visto, segundo um olhar atento e crítico à medida em que os indivíduos direcionam as mídias digitais para o questionamento dos sistemas vigentes (inclusive os digitais propriamente ditos). É necessário pensar em novos modelos patrimoniais que surjam destas tensões. Discutir um patrimônio aberto, colaborativo e compartilhado significa romper as barreiras hierárquicas de curadoria e moderação, em prol da participação de todos.

Referências

- AUGÉ, M. *Non-Places: An Introduction to an Anthropology of Supermodernity* (trans. J. Howe), Croydon, Verso, 2000.
- BEIGUELMAN, G. *Da cidade interativa às memórias corrompidas: arte, design e patrimônio*
- BEIGUELMAN, G.; MAGALHAES, A. *Futuros Possíveis: Arte, Museus e Arquivos Digitais*. São Paulo: Peirópolis, 2014.
- BERNAL, R. *La cidade como interfaz de câmbios culturais*. Rio de Janeiro: Revista Z Cultural n2, 2016.

- CASTELLS, M. A galáxia da internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. "Museus na era da informação: conectores culturais de tempo e espaço". In: Revista Musas (5): 8-21, ano VII, 2011. <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/01/Revista-Musas-5.pdf>
- DE WAAL, M. The City as Interface: How New Media Are Changing the City. nai010 publishers, 2014.
- GARCÍA, I (org). Estética de la habitabilidad y nuevas tecnologías. Pontificia Universidad Javeriana, 2003.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento das violências da prisão. Petrópolis, Vozes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Outros Espaços, Heterotopia. Architecture, mouvement. continuité. n2 5. outubro de. 1984.
- Google Art Project. Disponível em: <https://www.google.com/artproject>
- Google Web Lab. Disponível em: <http://www.chromeweb.com/>
- HARVEY, D. Rebel Cities: From the Right to the City to the Urban Revolution. UK: Verso, 2012.
- HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro, 2000.
- JENKINS, H. Cultura da Conexão. São Paulo: Ed. Aleph, 2013.
- JOHNSON, S. Cultura da Interface. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.
- JONES, Meg Leta. Ctrl+Z, The Right to be Forgotten. New York University Press, 2016.
- FULLER, M.; GOFFEY, A.. Evil Media. Cambridge, MA: MIT Press, 2012.
- HARVEY, D. Rebel Cities: From the Right to the City to the Urban Revolution. UK: Verso, 2012.
- HARVEY, David. Spaces of Capital: Towards a Critical Geography. Edinburg Press Lyda, 2001.
- JONES, Meg Leta. Ctrl+Z, The Right to be Forgotten. New York University Press, 2016.
- LE MOS, A. A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.
- LE MOS, A. Mobile communication and new sense of places: a critique of spatialization in cyberculture. Revista Galáxia, São Paulo, n. 16, p. 91-108, dez 2008.
- LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. A cultura-mundo, respostas a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A Cidade como bem cultural. IPHAN, 2006.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Patrimônio ambiental urbano: do lugar comum ao lugar de todos. CJ Arquitetura, São Paulo, v. 5, 1978.
- Me++: The Cyborg Self and the Networked City. Cambridge, Mass. MIT Press, 2003.
- RATTI, C. Open Source Architecture. New York: Thames & Hudson, 2015.
- SOMEKH, Nadia. Cidade, patrimônio, herança e inclusão - Em busca de novos instrumentos.
- Vitruvius, 18, dec. 2017. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/>

arquitextos/18.211/6825?fbclid=IwAR2AuFkKaN8foT3d6eVOMtKDhnU2rv8oLUeluPVNnqSy1A4juSFySh0bAlk

SMITH, L. Uses of Heritage. New York: Routledge, 2006.http://www.europarl.europa.eu/meetdocs/2009_2014/documents/stoa/dv/05b_annuallecture2012_open_source_/05b_annuallecture2012_open_source_en.pdf

TOWNSEND, A. M. Smart Cities: Big Data, Civic Hackers, and the Quest for a New Utopia. W. Norton & Company, 2014.

VIRILIO, P. O espaço crítico: e as perspectivas do tempo real. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

ZUBOFF, Shoshana, Big Other: Surveillance Capitalism and the Prospects of an Information Civilization (April 4, 2015).
Journal of Information